

II Congresso Histórico Internacional

AS CIDADES NA HISTÓRIA: SOCIEDADE

18 a 20 de outubro de 2017

ATAS

CIDADE INDUSTRIAL

2017

FICHA TÉCNICA

Título

II Congresso Histórico Internacional
As Cidades na História: Sociedade

Volume

III - Cidade Industrial

Edição

Câmara Municipal de Guimarães

Coordenação técnica

Antero Ferreira
Alexandra Marques

Fotografia

Paulo Pacheco

Design gráfico

Maria Alexandre Neves

Tiragem

200 exemplares

Data de saída

Dezembro 2019

ISBN (Obra completa)

978-989-8474-54-4

Depósito Legal

364247/13

Execução gráfica

Diário do Minho

ÍNDICE

CIDADE INDUSTRIAL

CONFERÊNCIAS

pág. 7

La Industria en la Historia de las Ciudades Medias Españolas: Una Reflexión Espacial

Gonzalo Andrés López

pág. 29

Cidade Industrial

Jorge Fernandes Alves

COMUNICAÇÕES

pág. 37

A fábrica de curtumes de José Maria Leite no Casal ou Quinta de Vila Verde (S. Sebastião e Urgezes, Guimarães): resultado de duas intervenções arqueológicas

Andreia Silva

pág. 65

A cidade a partir do edifício: narrativas urbano-edilícias na cartografia histórica de Belém (1886 a 1912)

Celma Chaves, Rebeca Dias

pág. 89

Cidade Industrial e o Mercado de Trabalho em pequenos Municípios no Brasil

Denis Cereja dos Santos, Silvio Roberto Stefano, Edgar Gandra

pág. 109

A Beira do Cais: Trabalho e Cotidianidade entre os Portuários de Rio Grande-RS e Lisboa-PT

Edgar Ávila Gandra, Silvio Roberto Stefano

pág. 113

O largo da Mumadona. História, desenho e evolução da sua importância na estrutura urbana de Guimarães

Eduardo Fernandes

pág. 135

Porto: a cidade industrial e o sistema portuário

Elsa Pacheco, Jorge Fernandes Alves

pág. 157

“Pela Creche!” As dinâmicas sociais em torno da proteção da prole infantil, na sede de concelho de Vila Nova de Gaia, na viragem para o século XX

Eva Baptista

pág. 187

A modernidade urbana em corpos adestrados: o futebol no ritmo (e nas contradições) da industrialização

Gilmar Mascarenhas

pág. 209

Vila Nova de Gaia, a “Southwark do Porto” nos primórdios da época industrial

J. A. Gonçalves Guimarães

pág. 241

Dinâmicas industriais corporativas e sociais em Guimarães: anos 50 e 70 do século XX

José Mano Torres

pág. 261

Do lugar à cidade da Trofa - Um século de industrialização

José Pedro Maia Reis

pág. 291

Caminhos da Modernidade: a Cidade de Belém-Pará-Brasil sob os Signos de um Tempo Acelerado

Leticia Souto Pantoja

pág. 323

O Centro Urbano de Vila Nova de Gaia em Finais de Oitocentos

Licínio Santos, Maria de Fátima Teixeira

pág. 351

Aveiro: a cidade e a indústria na primeira metade do séc. XX

Manuel Ferreira Rodrigues

pág. 375

Políticas higienistas e de saúde pública e o seu impacto na vida económica da cidade do Porto: 1930-60

Maria da Luz Sampaio

pág. 397

O impacto da indústria dos plásticos no desenvolvimento da cidade de Leiria

Maria Elvira Callapez, Sara Marques da Cruz, Guilherme Francisco

pág. 429

O Comércio e a Evolução Espacial das Áreas Centrais das Pequenas Cidades. O caso de Portalegre

Miguel Castro

pág. 459

Transformações Sociais e económicas na cidade da Guarda com a instalação da luz elétrica

Paula Amaro, Décio R. Martins

pág. 477

Indústria têxtil: expor Guimarães ao mundo desde o século XIX

Paula R. Nogueira, Décio R. Martins, Carlos Fiolhais, Gilberto Santos

pág. 507

Guimarães, cidade industrial? Entre a memória e o esquecimento

Paula R. Nogueira, Décio R. Martins, Carlos Fiolhais, Gilberto Santos

pág. 527

Consequências da Revolução Industrial na cidade de Guimarães

Paula R. Nogueira, Décio R. Martins, Carlos Fiolhais, Gilberto Santos

pág. 553

¿De ciudad fluctuante a ciudad estable? Transformaciones y continuidades en los comportamientos residenciales en Madrid durante el primer tercio del siglo xx

Santiago de Miguel Salanova

pág. 585

El Mercado Municipal de la Praça 1º de Maio de Évora: Pasado, presente y ¿futuro?

Sheila Palomares Alarcón

O Centro Urbano de Vila Nova de Gaia em Finais de Oitocentos

Licínio Santos

Gabinete de História, Arqueologia e Património (ASCR-CQ)

liciniommsantos@gmail.com

Maria de Fátima Teixeira

Gabinete de História, Arqueologia e Património (ASCR-CQ)

Mestres em História Contemporânea pela Faculdade de Letras da Universidade do Porto

mft1971@gmail.com

Resumo

O centro urbano do município de Vila Nova de Gaia abrange ainda hoje duas freguesias: Santa Marinha e Mafamude, a primeira maioritariamente à cota baixa, junto ao Douro, e a segunda prolongando-se para sul a uma quota mais elevada. Consultando os Cadernos Eleitorais dessas freguesias para o ano de 1894, podemos constatar uma panóplia de profissões que nos remetem para diversificadas indústrias que por esta altura estavam em franco desenvolvimento na margem esquerda do Douro.

É assim nosso objetivo, e tendo por base o referido documento, “radiografar” a atividade laboral no núcleo urbano de Vila Nova de Gaia, apresentando a concentração/dispersão das indústrias aí implantadas, conjugando-as com a proximidade ou distanciamento dos seus operários, fabricantes, industriais e outros em relação ao local de trabalho.

Num segundo ponto, pretendemos relacionar esta realidade da geografia humana com a implantação de diversas associações de classe.

Palavras chave: Urbanismo; Vila Nova de Gaia; Indústria; Associativismo

Introdução

Centrando-nos no ano de 1894 é nosso objetivo “radiografar” a realidade social da cidade de Vila Nova de Gaia composta à época pelas freguesias de Mafamude e Santa Marinha, circunscrições administrativas que na prática a compunham mas que a lei demorará a reconhecer¹.

Numa primeira parte iremos identificar as profissões aí existentes abordando a sua distribuição pelos ofícios, indústria e serviços, para depois verificarmos se a mesma teve reflexos na organização associativa que aí se implantou nos finais de Oitocentos.

Como fonte para a primeira parte do trabalho utilizaremos os *Cadernos Eleitorais de 1894*, que tinham em vista o recenseamento para a eleição do cargo de deputado da nação, segundo os quais, tendo por base a legislação de 8 de maio de 1878, apenas poderiam exercer o voto os cidadãos do sexo masculino com idade igual ou superior a 21 anos que «em simultâneo» comprovassem ter uma renda líquida anual de 100\$000 réis, ou demonstrassem saber ler e escrever, ou ainda comprovassem ser chefes de família².

Visto o foco deste estudo ser a zona urbana de Vila Nova de Gaia, iremos utilizar os inscritos nas assembleias referentes a Santa Marinha e Mafamude, pois já em 1861 nos aditamentos à *Descrição Topográfico de Vila Nova de Gaia*, Manoel Rodrigues dos Santos, refere que «a freguesia de S. Christovão de Mafamude não é hoje arrabalde de Villa Nova de Gaya; mas sim é a continuação da Villa e mais propriamente a mesma Villa», alegando que «os prédios e casas que por toda a extensão della se veem edificados no gosto urbano, e mais elegante, estão tão bem arruados, e unidos em continuação até os extremos da freguesia, que Villa Nova de Gaya já hoje não conhece os seus antigos limites, e só aquelles que demarcam as duas mesmas freguezias»³.

¹ Lei n.º15/84 de 28 de junho. *Diário da República*, n.º 148, I série de 28 de junho de 1984.

² CRUZ, 2009: 165.

³ *Descrição...*, 1861: 36.

Vila Nova de Gaia era então o 33.º círculo eleitoral, constituído por 13 assembleias de voto, enquanto a freguesia de Santa Marinha era constituída por duas assembleias a n.º 1 e 2, a primeira designada de Santa Marinha e a segunda de Coimbrões. A assembleia n.º 3, correspondia às freguesias de Mafamude e Vilar de Andorinho, embora neste caso nos centremos apenas na primeira⁴.

A divisão da freguesia de Santa Marinha em duas assembleias possivelmente estava relacionada com o facto de ser na época a freguesia mais povoada do concelho e com o maior número de indivíduos do sexo masculino, possuindo cerca do dobro da segunda freguesia com maior população⁵.

Desta fonte podemos retirar várias informações, tais como o nome, profissão, estado civil, morada e idade dos inscritos. Uma das limitações da mesma, é o facto de nos dar uma amostra apenas para o universo masculino⁶, no entanto, verificando os registos paróquias, concluímos que não era viável apresentarmos dados tão diversificados para o caso do sexo feminino, já que as mulheres na maioria das situações, se apresentavam como «donas de sua casa».

Complementando esta fonte, e principalmente para o caso da indústria, utilizaremos o *Inquérito Industrial de 1890* e os dados do catálogo da Exposição Agrícola-Industrial de Vila Nova de Gaia, que se realizou no ano de 1894, integrado na obra *O Centenário do Infante D. Henrique*⁷.

Na segunda parte do nosso trabalho iremos tentar entender a organização do movimento associativo, com principal enfoque para as associações de índole operária, tais como as associações de classe e cooperativas, entre outras. Para tal utilizaremos essencialmente o jornal *A Luz do Operário*⁸ e os estatutos de algumas delas.

⁴ Em 1894 o concelho de Vila Nova de Gaia era composto por 23 freguesias.

⁵ *Censo...* 1890.

⁶ Mesmo tendo em conta que o total de indivíduos do sexo masculino dado pelos *Censos de 1890* não se inserem nas condições de voto, podemos avançar que cerca de 26% dos homens de Santa Marinha e 27% dos de Mafamude estão inscritos nos cadernos eleitorais, percentagem que poderia aumentar se tivéssemos informação mais detalhada do censo, como por exemplo, se aí não tivessem sido contemplados apenas os indivíduos com mais de 21 anos.

⁷ PEREIRA, 1894: 153-181.

⁸ Acerca de *A Luz do Operário* ver LACERDA, 1984; LACERDA, 1997: 73; SANTOS, 2014: 7.

Contextualização de um centro urbano

Não é nosso propósito definir ou problematizar o conceito de cidade mas sim entendê-lo e aplicá-lo ao presente caso, uma vez que foi o tema geral definido para este congresso⁹. Assim sendo, e como já dissemos, é nosso propósito “radiografar” o centro urbano de Vila Nova de Gaia em 1894 do ponto de vista da sua população ativa nos diferentes setores de atividade económica, agrupando-os, na medida do possível, por lugares de residência e funções desempenhadas.

Raquel Rolnik¹⁰ entende que uma cidade tem uma regulamentação interna com trabalho dividido, mas organizado, onde existe uma especialização de ofícios e técnicas vivendo-se de forma coletiva, com uma arquitetura própria e onde se encontra a centralização do poder. Já no jornal do Instituto Nacional de Estatística pode ler-se o seguinte sobre o que é uma cidade: «... constituem espaços privilegiados de concentração de recursos – população, actividades económicas e riqueza – sendo entendidas como territórios centrais de intervenção para a promoção do crescimento económico e da competitividade»¹¹. Tudo isto são interpretações recentes que contextualizam a cidade atual onde os meios e as vias de transportes colaboram no aceleração dos processos produtivos, mas o nosso estudo, como já referimos, centra-se no ano de 1894 nas duas freguesias que então constituíam o centro urbano de Vila Nova de Gaia, Mafamude e Santa Marinha, tendo esta última visto chegar o comboio apenas trinta anos antes e onde o traçado urbano era composto por quatro artérias principais: rua Direita, avenida Diogo Leite, calçada das Freiras e, já na década de setenta, a Estrada Nova, depois rua General Torres. A Mafamude chegava do sul a Estrada Real que terminava no Padrão, tendo como ruas principais a Marquês Sá da Bandeira, rua da Rasa e a rua 14 de Outubro, enquanto que o restante território de uma e de outra, se organizava essencialmente em lugares compostos por pequenos arruamentos. Mas sobre as referidas freguesias escreveu recentemente Gonçalves Guimarães¹² onde “conta” a síntese da sua história, evolução territorial, paisagística, económica, social e ainda os aspetos culturais decorridos ao longo dos tempos. Fala-nos também da relação destas com a cidade do Porto e obviamente com o rio Douro e a sua barra, deixando bem clara a importância destes últimos no desenvolvimento comercial e industrial que aqui foi fixando as populações desde longa data.

⁹ As Cidades na História. Congresso Internacional. Guimarães, 2017.

¹⁰ ROLNIK, 1988.

¹¹ *Destaque, informação à Comunicação Social*. Instituto Nacional de Estatística, 31 de outubro de 2014.

¹² GUIMARÃES, 2014: 5-24; idem, 2017: 51-92.

Ponto de partida

Nos referidos cadernos, foram então registados um total de 2094 eleitores do sexo masculino, pertencendo 1511 a Santa Marinha e 583 à freguesia de Mafamude. Na impraticabilidade de considerarmos todas as ruas, largos, travessas e outros de onde os referidos eleitores se dizem originários, para efeitos de registo gráfico optamos por agrupar as artérias menos significativas¹³ na circunscção designada por lugar. Muito haveria a dizer sobre o que é um lugar, como se delimita, que características possuem, etc, etc, etc, mas remetemos também o assunto para um estudo do autor antes citado¹⁴ que, a propósito da toponímia local, nos dá essas respostas com um exemplo bem característico da área geográfica que estamos a tratar, o lugar do Torne. Assim sendo, na freguesia de Mafamude, consideramos os seguintes: Agueiro, Bandeira, Cravel, Igreja, Laborim, Paço de Rei, Padrão, Pedras, Pereireta, Rasa, e Torne, deixando individualizadas as ruas D. Pedro V e 14 de Outubro devido à quantidade de eleitores nelas inscritos e às suas próprias características, quer no que diz respeito à sua localização geográfica quer à quantidade de indústria e serviços que albergavam. Seguimos o mesmo formato para a freguesia de Santa Marinha, onde os lugares considerados são os seguintes: Afurada, Beira-rio, Candal, Castelo de Gaia, Cavaco, Costeiras, Coimbrões, Devesas, Fervença, Marco, Monte Judeus, Regadas, Santa Marinha, Serra do Pilar e também o Torne¹⁵. Quanto a ruas consideramos isoladas pelo mesmo motivo equacionado para Mafamude, as ruas Conselheiro Veloso da Cruz, da Mesquita, Direita, Choupelo, General Torres e Luís de Camões. Numa e noutra freguesia consideramos ainda um espaço para “outras ruas” e as “não identificadas”¹⁶.

Depois de recolhermos e analisarmos os dados individuais referentes às duas freguesias, ponderamos a forma da sua apresentação e, embora o caso de estudo seja o centro urbano de Vila Nova de Gaia, optamos por apresentar os resultados obtidos parcelarmente, uma vez que se trata de realidades geográficas diferentes. Terminamos depois com os dados gerais referentes ao centro urbano de Vila Nova de Gaia no ano de 1894, quer no que diz respeito à concentração/dispersão das indústrias, serviços e outras atividades económicas aí implantadas, conjugando-as com a proximidade ou distanciamento dos referidos operários, fabricantes, industriais e outros relativamente ao local de residência, quer com a implantação de associações de classe no território em estudo.

¹³ Entenda-se «menos significativas», no sentido de terem menos eleitores daí naturais.

¹⁴ GUIMARÃES, 1995: 21-33.

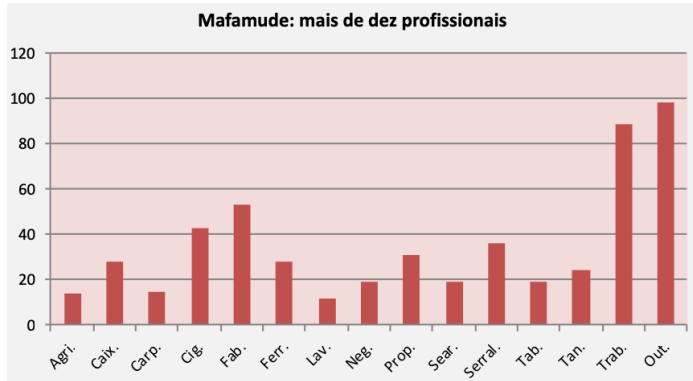
¹⁵ O lugar do Torne localiza-se no limite entre as duas freguesias, daí aparecer referenciado em ambas.

¹⁶ No que diz respeito a outras ruas foram consideradas as que não se enquadravam em nenhum dos lugares identificados e não tinham um número de indivíduos significativo que justificasse isolá-las; quanto às não identificadas, trata-se daquelas que a fonte não nos dá a sua localização. De qualquer modo num e noutra caso trata-se de uma percentagem pouco significativa.

Mafamude

Tendo identificado um total de cento e setenta e seis profissões nos *Cadernos Eleitorais de 1894* para o centro urbano de Vila Nova de Gaia, para este nosso estudo optamos por contabilizar apenas as que tinham mais de cinco profissionais, remetendo as restantes para a rubrica “outras profissões”, tendo ainda em conta uma ou outra que não conseguimos caracterizar. O gráfico que se segue mostra apenas as que têm dez ou mais profissionais para permitir uma melhor leitura, e as restantes tratámo-las apenas de forma descritiva. Assim sendo a referida freguesia no dito ano, e segundo a fonte estudada, possuía cinco capelistas, farmacêuticos e sapateiros; seis barbeiros; sete alfaiates, merceeiros e pedreiros; oito industriais; doze lavradores; catorze agricultores; quinze carpinteiros; dezanove negociantes, seareiros e taberneiros. Tanoeiros eram vinte e quatro, existindo ainda vinte e oito caixeiros e ferreiros; trinta e um identificados como proprietários; trinta e seis serralheiros; quarenta e três cigarreiros e cinquenta e três fabricantes. Complementando, o maior número de profissionais eram os designados por “trabalhadores” com oitenta e nove e ainda noventa e oito que pertenciam a outras profissões que individualmente eram residuais.

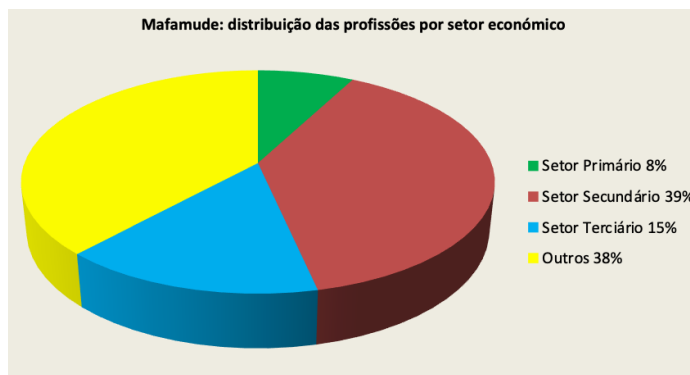
Gráfico 1. Fonte: *Cadernos Eleitorais de 1894*.



Distribuindo os referidos profissionais pelos lugares considerados, verificamos que o maior número se concentrava no Padrão¹⁷ seguido pela Bandeira¹⁸, Paço de Rei¹⁹, Rasa e rua 14 de Outubro²⁰. Os restantes, com representações relativamente próximas, distribuíam-se respetivamente por Laborim²¹, rua D. Pedro V²², Pedras, Torne²³, Igreja²⁴, Pereireta²⁵ e Cravel, entre outras não agrupadas nos respetivos lugares²⁶.

Ao distribuímos a totalidade das profissões por setor económico verificámos que a maioria, 39%, se encaixa no setor secundário, seguido pelo terciário com 15 % dos profissionais, apresentando ainda a freguesia de Mafamude em 1894 um valor significativo no setor primário, 8%. Ao total temos de acrescentar os 38 % que indicamos como “outros” onde estão considerados os que se intitulam “trabalhadores” e “proprietários” que o podem ser de qualquer um dos referidos setores.

Gráfico 2. Fonte: *Cadernos eleitorais 1894.*



¹⁷ Neste lugar concentramos a rua do Padrão, Trás do Padrão, Além da Capela, Trás da Capela, travessa do Padrão, Trás os Valos (atual António Rodrigues da Rocha), Santo Ovídeo e Telhado.

¹⁸ Bandeira de Cima, rua da Bandeira, rua Marquês Sá da Bandeira, Trancoso e rua de Trancoso.

¹⁹ Agra do Moinho e Feijó.

²⁰ Travessa do Carvalho (rua da Pereiretas) e Casal.

²¹ De Cima e de Baixo.

²² Largo D. Pedro V (atual Jardim Soares dos Reis).

²³ Rua do Torne e Arco.

²⁴ Largo da Igreja.

²⁵ Pereiretas é a atual rua Pinto Mourão.

²⁶ Juntamos no lugar do Agueiro, Agueiro de Cima e Via Sacra, sendo esta última a atual rua da Montanha. Na rubrica “outras ruas” estão contempladas a Ilha do Vasconcelos, Largo das Vendas, Ilha do Coral, Pinhal Miúdo, rua do Silva, Forno, Ilha do Coval, Barrosa, Devesas e Rechousa.

Santa Marinha

Seguindo o mesmo esquema para a freguesia de Santa Marinha, verificámos rapidamente que aqui o número e diversidade de profissões é maior do que na já referenciada freguesia de Mafamude. Com cinco profissionais encontravam-se inscritos os carpinteiros, corretores, empregados municipais, gaioleiros, jornaleiros, mestres ferreiros, mestres tanoeiros, padeiros, professores e trolhas; com apenas mais um encontravam-se os alfaiates, lavradores, matulas, ourives e os tamanqueiros. Os funileiros e os remadores estavam representados por sete profissionais cada. Barbeiros e tipógrafos onze, doze serralheiros, dezasseis cigarreiros e com mais um, os vendeiros. Já com duas dezenas, encontravam-se os pedreiros, tendo os sapateiros mais quatro representantes do que estes. Com um número bastante significativo em relação ao total da amostra, encontramos trinta e um seareiros, trinta e três fabricantes, com mais três estavam os calafates; os taberneiros faziam-se representar com um total de trinta e nove. Os negociantes e os carpinteiros estavam representados por quarenta e dois e quarenta e oito profissionais, respetivamente. Sem conseguirmos identificar de que tipo de propriedade se tratava, intitulados como “proprietários” eram sessenta e um; os caixeiros sessenta e seis; ferreiros setenta e cinco.

Tratando-se da análise à freguesia cuja localização geográfica está na sua maioria voltada para o Douro, não admira pois, que o maior número de eleitores estivessem representados pelas seguintes profissões: noventa e dois pescadores; cento e quarenta e oito tanoeiros e cento e cinquenta e três barqueiros. A terminar a elencagem destes profissionais estão os designados “trabalhadores” com cento e oitenta ditos. Por individualizar ficaram trinta e duas profissões e por se tratar de números pouco significativos, embora representando uma grande variedade das ditas, remetemos para a lista geral duzentos e setenta indivíduos.

Gráfico 3. Fonte: *Cadernos Eleitorais de 1894.*



Dos mil quinhentos e onze eleitores inscritos na freguesia de Santa Marinha, exercendo as mais diversas profissões, verificamos que a maioria se naturalizava no lugar de Coimbrões²⁷ precedido quase em igualdade numérica pela rua Direita²⁸ e Marco²⁹. A Afurada³⁰, o Candal³¹ e o Castelo de Gaia³² muito próximos dos anteriores, seguindo-se aquilo que designamos por Beira-rio³³, rua General Torres³⁴, Serra do Pilar³⁵ e o lugar de Santa Marinha³⁶. Com menos de trinta representantes estavam os lugares das Costeiras³⁷, Regadas, Monte Judeus³⁸, Fervença³⁹ e Torne, mas também as ruas Conselheiro Veloso da Cruz e a da Mesquita. Com apenas cinco profissionais inscritos encontrava-se o lugar do Cavaco⁴⁰ e a rua do Choupelo. De catorze profissionais não foi possível localizar a sua morada e vinte e dois dos ditos encontram-se noutras ruas⁴¹ que devido às suas características não foram agrupadas em nenhum dos lugares.

Estando a tratar de uma unidade territorial urbana, não nos surpreende portanto que a maioria das profissões existentes se encaixe no setor terciário, 36%, e secundário 35%, embora o setor primário esteja bastante representado, 9%, pois não podemos esquecer, por exemplo, o lugar da Afurada onde a pesca era a principal atividade económica. Os que se

²⁷ Ao lugar de Coimbrões juntamos os seguintes: Monte de Santa Bárbara, Viela de Coimbrões, Lavouras, Aldeia de Baixo, Forno da Cal (atual Domingos de Matos), Aldeia de Cima, Prado, Telheira, rua da Vitória (atual Amorim da Costa), Regueira, Monte da Venda, rua da Bela Vista, Quinta da Telheira, rua do Verdinho (atual Fernandes dos Anjos), Cortinhas, Matosinhos, Trincheiras e rua Barão do Corvo.

²⁸ À rua Direita (atual Cândido dos Reis), juntamos a rua do Pinhal, Escuro, Escadas do Monte e rua do Cabeçudo, por estarem localizadas muito perto desta.

²⁹ Neste lugar estão inseridas a rua de S. Pedro, a rua do Marco e a da Vistosa; ainda a Ramada Alta, Caminho Velho, travessa e rua de Valverde.

³⁰ Afurada de Cima, de Baixo e Chãs.

³¹ No lugar do Candal localizam-se a rua André de Castro, Monte, rua do Jordão (atual Consiglieri Pedroso), Lavouras, rua de Trás, Cruz da Capela (atual rua Eça de Queirós), rua do Monte (atual Camilo Castelo Branco), Aldeia (atual Zeferino Costa), Fonte Lodosa, rua de Santarém, Montinho, travessa Cruz da Capela, Fonte, Estrada Nova, Frutuosas (atual Largo Eça de Queirós) e Agrad.

³² Ao Castelo de Gaia juntamos todos os eleitores que dizem ser de: Gaia, Castelo, rua da Pescaria, Boa Passagem, Castelo de Gaia, Cais de Gaia, rua da Igreja, S. Lourenço e S. Lourenço Velho, travessa da Fonte, Fonte Nova, rua do Portelo, Ribeira de Gaia, Quinta de S. Marcos, Rei Ramiro, Ilha e Escadas de Gaia.

³³ Composto por largo Luís I, avenida Diogo Leite, rua dos Santos Mártires, dos Marinheiros e da Piedade, ainda o Estaleiro e largos de Corpus Christi e Ribeirinho.

³⁴ Aglomerou a rua do Jau.

³⁵ Consideramos aqui a rua do Pilar, Calçada da Serra, rua Tavares Bastos, Polácos, Pereira Pinto, rua da Serra.

³⁶ Rua de Santa Marinha, Campanário e Sacramento.

³⁷ Rua das Costeiras.

³⁸ Alto dos Judeus, Coradas, Carvalhosa e Azenhas.

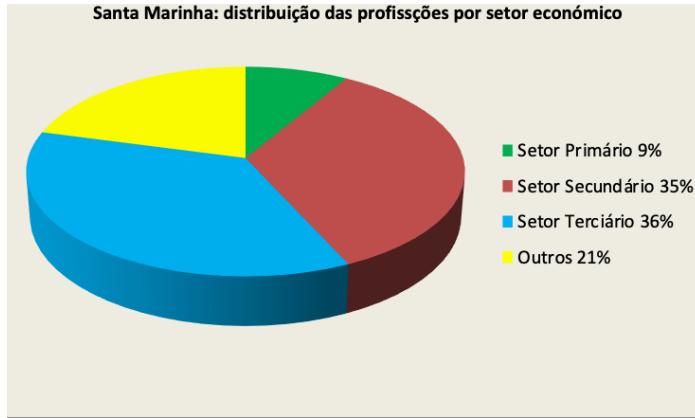
³⁹ Rua da Fervença.

⁴⁰ E Vale da Piedade.

⁴¹ Onde estão a rua de Santo Antão, avenida Saraiva de Carvalho, ilhas do Veloso, Bernardino e Beleza; Garridas, Lisboetas, Páteo do Cardoso, rua da Mouca e das Freiras, Quinta da Torrinhã e do Browne, Viela dos Pescadores, Poças, rua dos Bragas e Largo do Martinho. Individualmente consideramos também a rua Luís de Camões com o largo do mesmo nome, a rua do Senhor d'Além e no lugar das Devesas aglomerou-se a rua Visconde das Devesas e Barrosa.

dizem “proprietários” e “trabalhadores” representam 21% dos profissionais e encontram-se na rúbrica “outros”.

Gráfico 4. Fonte: *Cadernos Eleitorais de 1894.*



Centro urbano de Vila Nova de Gaia

Depois de termos individualizado as duas freguesias que deram origem ao centro urbano de Vila Nova de Gaia, e portanto à cidade com o mesmo nome, atentemos então nos dados globais. No período em estudo, como já referimos, identificamos então cento e setenta e seis profissões diferentes que se distribuíam essencialmente pela agricultura, pesca, indústria e serviços. Mas, neste universo foram também considerados os “proprietários”, “trabalhadores” e “estudantes” que embora não manifestem uma profissão em particular, é assim que a fonte utilizada os designa.

Sendo a freguesia de Santa Marinha a cabeça do concelho e portanto da cidade, onde estava localizada a câmara municipal, os bombeiros, os correios, o maior número de escolas, serviços públicos e privados, mas também a estação do comboio e a vastíssima quantidade de armazéns, entre outros, não admira portanto, que seja na referida freguesia que se concentrem o maior e diversificado número de profissões, de que, seguidamente apresentamos os resultados globais. É claro que, e dado o tamanho da amostra, a maior parte delas ficavam-se abaixo do 1% mas, e por isso mesmo, não deixa de ser curiosa esta variedade. Atentemos então nas diferentes profissões ligadas aos serviços abaixo da percentagem referida: administradores 0,15%, administradores do concelho 0,05%, advogados 0,05%, agentes comerciais 0,15%, agulheiro do caminho-de-ferro 0,10%, aluno da escola médica 0,05%, amanuenses 0,10%, barbeiros 0,86%, bombeiros 0,10%, cantoneiro 0,05%, capatazes de armazém 0,15%, capitães de artilharia 0,05%, capitães de navios 0,05%,

carteiros 0,24%, cauteleiros 0,05%, chefes de estação 0,20%, chefes da guarda-fiscal 0,05%, cocheiros 0,10%, comitentes 0,05%, corretores 0,38%, coveiros 0,05%, despachantes 0,19%, eclesiásticos 0,33%, empregados municipais 0,66%, empregados de caminho ferro, comerciais, alfândega, no Porto, alguns já reformados, 0,50%; engenheiros 0,05%, escriturários 0,14%, escrivães 0,14%, escultores 0,19%, especuladores 0,38%, estudantes 0,14%, facultativos e farmacêuticos 0,38%; feitores 0,10%; fiscais de obras e caminhos-de-ferro 0,10%; funcionários 0,05%; guardas noturnos, guarda-rios 0,20%; jardineiros 0,10%, jornaleiros 0,33%, medidores 0,05%, mestres-escolas 0,05%, oficiais 0,24%, penhoristas 0,05%, pilotos 0,14%, portageiros 0,33%, professores 0,43%, recebedores do concelho 0,05%, remadores 0,33%, sacristães 0,05%, secretários da administração e da câmara 0,10%; senadores, solicitadores, delegados de saúde e tabeliães 0,44%; trabalhadores do caminho-de-ferro, varredores e zeladores municipais 0,29%.

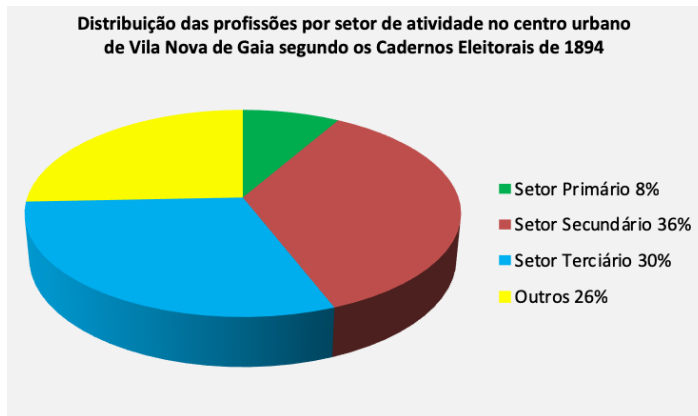
Ainda com menos de 1% mas, referentes ao setor primário, a referida cidade apresentava as seguintes profissões: agricultores 0,76%, contadores de gado 0,05% e lavradores 0,86%. Já no que diz respeito à indústria e ainda abaixo da referida percentagem, tínhamos os açafateiros, afinadores, albardeiros, alfaiates, arrais, artífices, batoqueiros, caleiros, canasteiros, carvoeiros, cortadores de carnes verdes, corticeiros, ferradores, fogueiros, forjadores, forneiros, funileiros, gaioleiros, latoeiros, litógrafos, madeireiros, manipuladores de tabaco, marceneiros, mestres carpinteiros, alfaiates, ferreiros, pedreiros, sapateiros, serralheiros, tanoeiros e trolhas, moleiros, oleiros, operários, ourives, padeiros, peneireiros, picheiros, pintores, pregueiros, refinadores de açúcar, relojoeiros, retroseiros, rolheiros, serradores, sinzeiros, talabartes, tamanqueiros, tecelões, tintureiros, tipógrafos, torneiros, torradores, trolhas e vidraceiros, que todos juntos perfaziam a percentagem de 10,96%.

No comércio e também com menos de 1% encontram-se os barbeiros, livreiros, louceiros, luveiros, merceiros, tendeiros e os vendeiros.

Os restantes, nos diferentes setores, apresentam um número significativo de profissionais atingindo a percentagem máxima os tanoeiros com 8,21% e os “trabalhadores” com 12,85%. Mas também com percentagem significativa estavam os barqueiros atingindo 7,35% do total, os caixeiros com 4,49%, os ferreiros 4,92%, pescadores e proprietários igualavam-se nos 4,39%, os fabricantes 4,11%, os carpinteiros e os cigarreiros com o mesmo número 3,01%; com percentagens menos significativas mas acima do 1% ainda havia os calafates, os pedreiros, sapateiros e seareiros, os serralheiros e os taberneiros com quase três por cento, fechando esta mostra com aqueles cuja atividade não conseguimos descortinar, que representavam 1,72% do total estudado.

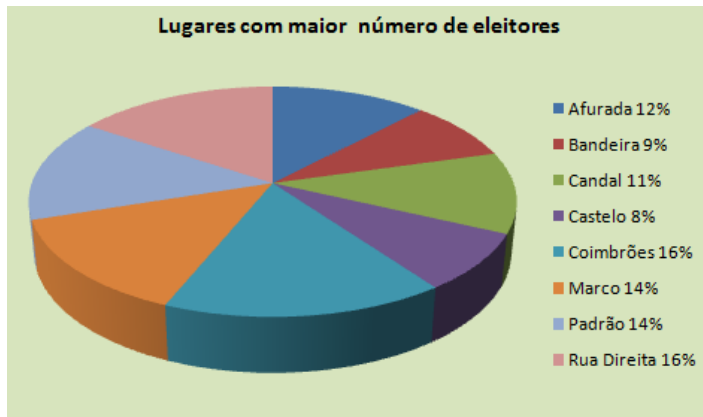
O gráfico abaixo apresenta-nos a distribuição das profissões por setor económico de atividade na cidade de Vila Nova de Gaia em 1894.

Gráfico 5. Fonte: *Cadernos eleitorais 1894.*



Quanto à distribuição geográfica destes profissionais/trabalhadores muito embora estivessem espalhados por todo o núcleo urbano, percebe-se rapidamente uma concentração dos ditos nos lugares da Afurada, Bandeira, Candal, Castelo, Coimbrões, Marco, Padrão e rua Direita, cujo gráfico seguinte nos mostra a percentagem em relação ao número total de inscritos nos cadernos eleitorais.

Gráfico 6. Fonte: *Cadernos Eleitorais de 1894.*

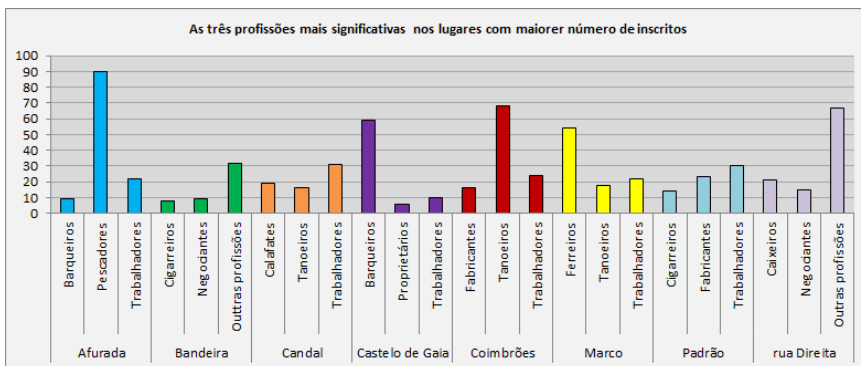


Tendo então em atenção a densidade populacional nos referidos lugares da cidade de Vila Nova de Gaia, passamos a apresentar as três profissões mais significativas em cada um.

A profissão que mais se destacava no lugar da Afurada em 1894 era a dos pescadores, seguida pelos “trabalhadores”, que como já vimos podia enquadrar-se em qualquer ramo, e por fim uma pequena quantidade de barqueiros. Já no Candal eram precisamente os considerados “trabalhadores” que se encontravam em maior número, possuindo também uma significativa quantidade de calafates e tanoeiros. Do Castelo de Gaia encontravam-se maioritariamente inscritos os proprietários e “trabalhadores” sendo a maior concentração de barqueiros. Em Coimbrões eram os tanoeiros que estavam no topo, seguidos pelos “trabalhadores” e com uma significativa quantidade de fabricantes. O lugar do Marco caracterizava-se pela grande concentração de ferreiros, mas também uma importante quantidade de “trabalhadores” e tanoeiros escolheram esta localização para viver. O Padrão era ocupado em maior número pelos “trabalhadores”, fabricantes e cigarreiros.

Em jeito de conclusão deste assunto atentemos nos lugares da Bandeira e da rua Direita cuja maior percentagem de inscritos, numa e noutra se enquadram na rúbrica “outras profissões”, seguidos pelos negociantes e diferindo apenas na menor percentagem das três profissões que para a Bandeira são os cigarreiros e para a rua Direita os caixeiros. Lembremos aqui que a Bandeira era a área mais central de Mafamude, acontecendo o mesmo em relação à rua Direita no que diz respeito a Santa Marinha. Ou seja embora estejamos a tratar uma unidade administrativa - Vila Nova de Gaia - devido à sua extensão geográfica, verifica-se que nestes dois polos estavam concentrados essencialmente os serviços.

Gráfico 7 Fonte: *Cadernos Eleitorais de 1894.*



Indústria e comércio na cidade de Vila Nova de Gaia em 1894

A História da Indústria em Vila Nova de Gaia está por fazer na sua generalidade. Contudo existem já diversificados artigos monográficos sobre alguns tipos de indústria⁴² e mais recentemente duas dissertações de mestrado que, na primeira parte, tentam de uma forma cronológica e sistemática, recorrendo às mais diversificadas fontes, dar-nos uma visão global e evolutiva deste setor económico no concelho⁴³. Mas, para o caso que temos vindo a tratar, o centro urbano, não localizamos qualquer artigo específico, ou outro que aborde tal assunto⁴⁴. Por isso, e tendo em conta a data dos *Cadernos Eleitorais* (1894) recorreremos às duas fontes mais próximas que nos podem ajudar a identificar o estado da indústria nesta área geográfica no referido período: o *Inquérito Industrial* encomendado pelo governo em 1890 e um livro sobre as comemorações henriquinas, nas quais Vila Nova de Gaia participou com a organização da Exposição Agrícola e Industrial decorrida precisamente no ano do nosso estudo.

O referido inquérito apresenta-nos para este concelho um total de cinquenta e nove indústrias diferentes: Albardas; Álcool e aguardentes; Alfaiataria; Algodão; Armaria; Açúcar; Balões; Bolachas e biscoitos; Caixas de papelão; Calçado-sapataria; Calçado-sapatos de trança; Calçado-tamancaria; Carpintaria; Carruagens; Cera; Cerâmica-faiança; Cerâmica-olaria; Cestaria; Chapelaria; Chapéus de chuva; Colchoaria; Confeitaria; Construção civil; Construção naval; Cordoaria; Correaria; Cortiça-rolhas; Curtumes; Escovas-pinceis; Escovilhas; Ferreiros; Flores-artificiais; Fogueiro; Fundição de ferro; Funileiros; Gesso; Invólucro para garrafas; Lã; Linho-fiação; Linho (massagem); Luvas; Marcenaria; Moagem; Modas-artigos de; Ourivesaria-fabricao; Padaria; Papel; Pintura; Pregaria; Produtos Químicos; Relojoaria; Roupas brancas; Santeiros; Serrações; Serralharias; Tanoarias; Tinturarias; Torneiros e Tipografias. Mesmo tendo em conta as diversas vicissitudes a que estes tipos de inquéritos estiveram sujeitos⁴⁵, não deixa de ser significativo o número e diversidade aqui apresentado. Contudo, uma das principais lacunas é que só localiza e identifica as indústrias consideradas de maior dimensão, remetendo as restantes para aquilo que designaram como «pequenas indústrias». Este inventário refere-se a todo o concelho de Vila Nova de Gaia, mas para o caso que estamos a tratar recolhemos apenas as que estão identificadas para o centro urbano, uma vez que o

⁴² São apenas alguns exemplos: LACERDA, 1997 e FERREIRA, 2011.

⁴³ SOUSA, 2013; TEIXEIRA, 2017.

⁴⁴ Embora na seguinte obra o autor inclua o referido espaço geográfico, não o trata especificamente; GUIMARÃES, 1997.

⁴⁵ «Vila Nova de Gaia, - A respectiva comissão concelhia principia por declarar que os resultados obtidos são, se não insignificantes, pelo menos nada seguros; o exame dos questionários respondidos, o confronto do número dos distribuídos com o dos entregues, e as informações dos agentes convencem de que, infelizmente, os esclarecimentos obtidos estão muito longe de expressar a verdade quanto ao estado das indústrias...». INQUÉRITO INDÚSTRIAL... 1890: 80.

nosso objetivo é ver se coincidem ou não com o maior número de profissões ali existentes tendo também em atenção a percentagem de residentes.

Assim, identifica-nos o dito inquérito uma fábrica de destilação pertencente a Silva Cunha no lugar de Paço de Rei e duas de calçado de José Ferreira e de Manuel Ferreira da Costa, a primeira na rua 14 de Outubro e outra na D. Pedro V.

Quanto a carpintarias foram identificadas duas na rua General Torres pertencentes a Félix António Lopes Guimarães e M. & W. Jones, respetivamente. Também duas no Padrão de António Pereira Soares e de Serafim Pereira Lopes e ainda uma outra no lugar das Pedras sendo seu proprietário Francisco Guedes.

Dedicadas à indústria cerâmica, foram consideradas de dimensão considerável as de Margarida Emília Soares Rego em General Torres, a de João António Vieira Braga no lugar do Senhor do Além, uma outra nas Devesas pertencendo a José Pereira Valente, terminando com a de Cândido Augusto Sá Castro, na Bandeira. Para a construção naval só foi considerada pelos autores do inquérito a de José Fernandes da Lapa na avenida Diogo Leite, da mesma forma, e considerando apenas uma de cada, temos as indústrias dos invólucros, moagem, padaria, pregaria e produtos químicos, pertencendo respetivamente a José Pereira Bastos Júnior, João H. Andresen, António Soares Teixeira, José Santos Marau e M. Lugan, distribuindo-se estas pela seguinte ordem geográfica: rua do Cabeçudo, rua de Baixo, rua do Jordão, Trancoso e rua da Serra do Pilar.

De serralharia, o centro urbano de Gaia em 1894, e segundo a referida fonte, servia-se da de Paiva & Ferreira Júnior na travessa Conselheiro Veloso da Cruz; Manuel José de Oliveira, Manuel Moura de Castro, Jerónimo Francisco de Azevedo todas localizadas no lugar da Bandeira. Existindo ainda uma outra, no Arco pertencendo a Joaquim Francisco de Azevedo. Também de serralharia eram as fábricas de José da Silva Tavares e de Francisco Jerónimo Azevedo localizadas no Padrão e Pedras respetivamente.

Mas é sobre a indústria da tanoaria que o dito inquérito é mais exaustivo, identificando um total de vinte e duas oficinas, localizadas na sua maioria junto ao Douro como é o caso das de Oliveira Santos & Irmão, António Augusto Freitas e Ferreira & C.^a, na avenida Diogo Leite, mas também as de José Oliveira Carvalho, José Rodrigues Sousa e João Lourenço Fonseca na rua dos Marinheiros, e ainda a de Luís dos Santos no Senhor do Além, a de José Monteiro Lima em Valverde e as de Eduardo Augusto Santos e Francisco Marques & C.^a na rua Direita. Afastada um pouco do rio estavam as de Joaquim Lopes Ventura na rua da Igreja, mas também as de Manuel Pereira Barquinha, João Roiz Valente Perfeito e a de Joaquim Sousa, todas nas Costeiras. Subindo um pouco a encosta, podia encontrar-se as de António Duarte Sá Ferreira na rua Luís de Camões ou a de Francisco Pinto Barreiros no Choupelo e ainda as de José Domingues Marques, Domingues Abelheiro e José Roiz

Pereira, todas no conhecido lugar das Devesas. Um pouco mais afastada encontrava-se a tanoaria do negociante e benemérito Manuel Pinto Mourão localizada no populoso lugar da Bandeira.

Considerada de grandes dimensões, o *Inquérito Industrial de 1890* apresenta-nos apenas uma tipografia, a do fundador da imprensa em Vila Nova de Gaia, Manuel Pinto dos Reis⁴⁶, também sediada no lugar da Bandeira.

Como os próprios autores do inquérito anunciavam⁴⁷ nas notas finais do trabalho desenvolvido, esta é apenas uma mostra possível do desenvolvimento da indústria no concelho de Vila Nova de Gaia e mais concretamente no seu centro urbano. Para ajudar a compreender melhor este setor económico na área geográfica em estudo e na cronologia indicada, recorreremos à ajuda de Firmino Pereira⁴⁸ que compilou e descreveu numerosa informação sobre as comemorações henriquinas iniciadas no Porto, mas às quais Vila Nova de Gaia se associou desde logo, apresentando no decorrer desse mesmo ano (1894) a Exposição Agrícola Industrial, cuja mostra se realizou no referido centro urbano, recebendo a visita de D. Carlos e D. Amélia.

Na referida exposição participaram numerosos industriais e negociantes com uma mostra diversificada de produtos que muito embora alguns deles já se fabricassem desde longa data em Vila Nova de Gaia, o inquérito industrial atrás referido não lhes faz qualquer referência; temos o caso da indústria corticeira, de que nesta exposição participaram três expositores; a marcenaria com oito, os tecidos com cinco, mas também a ourivesaria representados por dois fabricantes, e ainda a folha-de-flandres, as escovas, os vernizes, os óleos e os sabões, as manteigas, as lousas, a cera, os bordados e a significativa indústria das flores artificiais, referindo apenas aquelas de que o referido inquérito não dá qualquer notícia. Mas nesta exposição participaram ainda muitos produtores e comerciantes de vinho do Porto que poderemos exemplificar com Adriano Ramos Pinto, Constantino e Almeida ou Francisco da Rocha Romariz, entre muitos outros conhecidos negociantes cujos vinhos são conhecidos até aos nossos dias.

Por este documento coincidir exatamente com o ano que temos vindo a tratar não podíamos deixar, ainda que de forma breve, de pelo menos contabilizar e apresentar os participantes nesta exposição que demonstrou à época um grande esforço e empenhamento dos empresários de Vila Nova de Gaia, com a participação de cento e dez expositores e na impossibilidade de os biografar deixemos apenas os nomes daqueles que

⁴⁶ Nasceu em 24 de abril de 1843, no lugar da Rasa, em Mafamude tendo em 1873 fundado o jornal *O Concelho de Gaia*, sendo proprietário e editor do mesmo.

⁴⁷ Ver nota 45 deste trabalho.

⁴⁸ PEREIRA, 1894: 153-181; sobre a exposição ver GUIMARÃES, 1984.

se destacaram no meio político, social, económico, filantrópico e cultural e que de alguma forma contribuíram para o desenvolvimento da sua cidade através de várias ações, mas mais concretamente neste caso, através das empresas que fundaram e desenvolveram tendo algumas delas, ainda que com outra designação, chegado aos nossos dias, como é o caso de algumas firmas de Vinho do Porto das quais Adriano Ramos Pinto, Romariz ou a Nicolau de Almeida são alguns exemplos, mas também a conhecida serralharia de João Thomaz Cardozo que atualmente se designa por Joaquim Tomas Cardoso & Filho, sucrs Lda, com sede na vizinha cidade do Porto.

Indo de encontro ao assunto que nos trouxe até aqui lembremos também a atividade comercial no centro urbano de Vila Nova de Gaia coadjuvado pelas diferentes indústrias apresentadas como o já referido Vinho do Porto, à qual devemos associar a tanoaria ou a cortiça, mas também a serralharia e pregaria e, tendo em vista a sua comercialização para a qual necessitava da construção naval e da caixotaria, que por sua vez precisava da carpintaria e pregaria entre muitas outras que numa pirâmide industrial desempenhavam a sua função.

Mas não era só o Vinho do Porto que se exportava pela barra do Douro, e por isso nos deparamos no referido centro urbano em 1894, com uma panóplia de profissionais ligados às mais diversificadas indústrias, comércio e serviços, onde todos juntos tinham como fim primordial, sustentar, fazer crescer e sedimentar a economia da região em geral e de Vila Nova de Gaia em particular.

No ponto seguinte pretendemos relacionar esta realidade da geografia humana existente em 1894 com a implantação de associações de índole operária que foram surgindo ao longo desta época e tentar perceber se houve ou não uma movimentação de pessoas/serviços/estruturas industriais, procurando melhores acessibilidades numa dinâmica do espaço urbano, influenciado, ou não, pelas atividades aí desenvolvidas.

O associativismo operário na parte urbana de Vila Nova de Gaia

No que toca à organização popular, as associações que aqui proliferavam nesta época eram as mutualidades, que apesar de não serem exclusivamente operárias, congregavam no seu seio um grande número de trabalhadores, estando a maioria destas, neste período, situadas na freguesia de Mafamude e Santa Marinha. No ano de 1894 seriam poucas as “associações operárias” no centro urbano e mesmo no próprio concelho, já que as ditas só se vêm a desenvolver em maior número a partir de 1895⁴⁹.

⁴⁹ Ver SANTOS, 2014. Apesar de neste estudo não tratarmos diretamente o associativismo operário, encontramos várias referências a este e à fundação das diversas associações.

Em 1894 existiam na então vila, duas associações que se apresentavam como sendo de classe, a primeira a Associação União dos Operários Tanoeiros de Gaia, situada na rua General Torres, n.º 263, reunindo a sua direção às terças-feiras de 15 em 15 dias⁵⁰, sendo a outra a Associação de Classe União dos Operários Pregueiros e Cravistas do Porto e Gaia, situada na rua de S. Pedro, n.º 57, no lugar Marco, ambas em Santa Marinha, reunindo a sua direção quinzenalmente aos sábados às 8 horas da noite⁵¹. No que à primeira diz respeito, tal existência não será de estranhar se tivermos em consideração o gráfico 7, verificando-se que o setor da tanoaria era um dos mais representativos a nível local. Quanto à segunda associação, e avaliando o mesmo gráfico, vemos que a profissão de pregueiro e cravista não aparece aí contemplada, contudo poderemos considerar que estes profissionais seriam ferreiros especializados, logo poderiam ser incluídos na classe aí mais representativa, a dos ferreiros, que no lugar do Marco se destacam e onde tem sede a referida associação.

A associação dos tanoeiros terá sido fundada em Oliveira do Douro⁵² no conturbado ano de 1889, ano da fundação da Real Companhia Vinícola do Norte de Portugal, que levou à paralisação do setor ligado ao vinho. É então que um grupo de tanoeiros ligados à casa Sandeman decide fundá-la, não como associação de classe, mas como associação de socorros mútuos⁵³, situação que se manteve até 1893. Nesse mesmo ano e em virtude da legislação surgida em 1891 que vem a permitir esse tipo de associações, a direção decide então legalizá-la como tal, embora mantenham anexa a associação de socorros⁵⁴. Deduzimos que a mudança para a rua General Torres tenha sido feita logo após a fundação, possivelmente por dois motivos, o primeiro relacionado certamente com a maior centralização que esta localização lhe permitia, já que segundo os seus estatutos abrangia todos os tanoeiros que trabalhassem no concelho, sendo que à época muitos destes vinham de fora, dos concelhos de Santa Maria da Feira e de Ovar, para além dos provenientes de outras freguesias do concelho em igual situação, que se deslocariam a casa ao final de semana⁵⁵, e por fim o facto de ter também como associados os tanoeiros da cidade vizinha, tendo em consideração que no Porto não existia nenhuma associação desta classe.

Quanto à segunda associação de classe a que fazemos referência, a dos Operários Pregueiros e Cravistas do Porto e Gaia, não encontramos os seus estatutos no Arquivo

⁵⁰ *A Luz do Operário*, n.º 9, 2 de julho de 1893, p. 4.

⁵¹ *A Luz do Operário*, n.º 10, 16 de julho de 1893, p. 3.

⁵² *Jornal do Porto*, n.º 268, 12 de novembro de 1899, p. 1.

⁵³ Que nunca se viria a legalizar.

⁵⁴ *A Luz do Operário*, n.º 95, 15 de outubro de 1896, p.1.

⁵⁵ *Jornal do Porto*, n.º 28, 1 de fevereiro de 1889, p. 1.

Distrital do Porto, o que nos leva a considerar que esta nunca se tenha vindo a estabelecer oficialmente. Mas, e apesar de se definir como do Porto e Gaia, sediou-se no lugar do Marco devido ao grande número de ferreiros que aí residiam. No entanto a inclusão do Porto, poderá demonstrar que esta não era uma associação fechada, mas sim aberta a todos os operários da região. Curiosa é a correspondência, proveniente do lugar do Marco, publicada no jornal *A Luz do Operário*, que nos diz que, tendo os operários escolhido os mestres para os corpos sociais da associação, agora estavam reféns destes, tentando a todo o custo retirá-los da condução dos seus destinos⁵⁶. Curiosamente, a partir do número do jornal que noticia esta situação, deixamos de ter qualquer referência à dita. Contudo, e já em 1912, voltamos a ter notícias de uma associação de classe no lugar do Marco, agora denominada Operários Manipuladores de Cravos e Ferraduras do Porto e Gaia⁵⁷, não conseguindo no entanto saber se esta estaria ou não relacionada com a anterior, uma vez que não temos outro tipo de informações.

O referido jornal⁵⁸ noticia também a Associação dos Operários Cerâmicos, que pelas pesquisas que realizamos concluímos que não chegou a ser oficializada. A dita funcionaria como associação mutualista nos moldes da dos tanoeiros atrás apresentada. Por iniciativa dos seus corpos gerentes viria a dissolver-se em 1894, situação que poderá demonstrar “falta de união no seio da classe”, podendo assim justificar o facto de na fonte utilizada ao longo deste trabalho (*Cadernos Eleitorais de 1894*) serem poucos os indivíduos que se identifiquem como cerâmicos, o que estranhámos, pois por esta época era uma das indústrias mais representativas do concelho.

O cooperativismo também teve alguma implementação em Vila Nova de Gaia, principalmente na segunda metade da década de noventa de Oitocentos. Em 1894, existiriam no concelho apenas três cooperativas de crédito e consumo, sendo que duas delas se localizavam na área geográfica aqui abordada. A mais antiga seria a Cooperativa de Crédito e Consumo União e Trabalho de Gaia, localizada na rua de S. Pedro, também no lugar do Marco, Santa Marinha, daí vulgarmente designada nos jornais como *cooperativa do Marco*, fundada no ano de 1893 com o objetivo de pôr cobro à exploração que os taberneiros exerciam sobre os operários⁵⁹, compartilhando as suas instalações com a associação de classe já aí sediada. Uma outra era a Cooperativa União Operária de Mafamude, fundada em 1893 no lugar de Santo Ovídio, com os mesmos objetivos⁶⁰.

⁵⁶ *A Luz do Operário*, n.º 41, 23 de setembro de 1894, p. 3-4.

⁵⁷ *Almanaque ...*, 1912: 99.

⁵⁸ *A Luz do Operário*, n.º 32, 20 de maio de 1894, p. 2-3.

⁵⁹ *A Luz do Operário*, n.º 7, 4 de junho de 1893, p. 2.

⁶⁰ *A Luz do Operário*, n.º 16, 8 de outubro de 1893, p.3.

No que toca a outro tipo de associações, encontramos referência em 1893, à Troupe Musical Recreio Operário de Mafamude, entre outros exemplos que poderíamos dar de associações do género⁶¹.

Por fim, gostaríamos de referir que o associativismo operário, apesar de ser um fenómeno urbano, teve em Vila Nova de Gaia repercussão a nível de todo o concelho, chegando mesmo até às freguesias mais rurais, se bem que a nível das de classe estivesse praticamente circunscrito à freguesia de Santa Marinha, à exceção da Associação de Entalhadores do Norte, fundada em 1896, em Avintes⁶².

Conclusão

Numa fonte quase contemporânea da que temos vindo a tratar, o autor depois de ter refletido sobre a abordagem que S. João Crisóstomo fez sobre o trabalho, conclui:

«... a riqueza de uma nação não está no oiro, mas sim no trabalho. E o certo he, que este povo – os Villa-Novenses tem compreendido perfeitamente toda a extensão d’aquelle grande pensamento. Nesta Villa houve sempre uma vida laboriosa, e activa... tem-se... desenvolvido aqui a Industria em tão largas proporçoens, e assumido um carater tão importante, que faz augmentar notavelmente a riqueza, e importância material desta Villa a multidão de Fabricas, que já possui, e em que se occupão muitos milhares de pessoas.... Além das que já havia antigamente, outras muitas se tem estabelecido de novo, preferindo os seus proprietários este local por muitas razoens; como por exemplo: a grande quantidade de prédios... a abundancia e qualidade das suas agoas... a proximidade ao rio...»⁶³.

Centrando-nos no parágrafo atrás transcrito podemos verificar que o nosso estudo dedicado ao ano de 1894 vem de encontro àquilo que se escrevia trinta anos antes. Os dados apresentados deixam visualizar uma cidade pejada de numerosas indústrias que se dedicavam ao fabrico de diversificados produtos, que não só satisfaziam as necessidades locais mas que também se exportavam para o Brasil, Ilhas e colónias através da barra do Douro. Mas, para melhor “ilustrarmos” o ambiente e dimensão industrial de que temos vindo a falar observemos o que se dizia também uma década depois a propósito das

⁶¹ *A Luz do Operário*, n.º 1, 12 de março de 1893, p. 3.

⁶² Ver SANTOS, 2014: 26-29.

⁶³ *Descrição ... 1861*: 181.

Creche de Santa Marinha:

«Instalada [a creche] em um dos concelhos mais populosos e industriaes de todo o país, tem sido frequentada nos últimos anos por a media de 6:633 crianças, 5:206 do sexo masculino e 1:427 do sexo feminino, e pertencentes em quasi toda a sua totalidade á classe operaria»⁶⁴.

Se estivermos atentos às numerosas profissões com que a população do centro urbano de Vila Nova de Gaia se apresentava no referido ano de 1894 e, tendo em conta a sua distribuição geográfica pelas diferentes ruas e lugares onde as muitas e diferentes indústrias, ofícios e serviços estavam implantados, tendo em atenção que foi nesses sítios mais populosos que se sediaram as diversas associações de classe, mutualistas e outras, quase conseguimos imaginar o burburinho que devia caracterizar Vila Nova de Gaia em finais de Oitocentos.

Atualmente a referida cidade expandiu-se, abrange uma maior área geográfica, a população aumentou e as vias de comunicação desenvolveram-se por todo o concelho. Parte deste apresenta ainda algumas características rurais, outra parte absorveu a indústria que ao longo de pouco mais de cem anos se foi deslocando à procura de terrenos com menor preço, mais vastos e com melhores acessibilidades, enquanto que, o centro histórico se foi praticamente especializando nos armazéns de Vinho do Porto.

O rio, a barra do Douro e mais tarde o comboio, que culminava na estação das Devesas, foram perdendo a sua importância no que diz respeito à implantação de indústrias, fixação de pessoas e exportação de mercadorias. Desse tempo, restam essencialmente os armazéns, (atualmente designados pelo turismo como “caves”), numa ou outra ruela é possível ainda observar uma ou outra casa que em tempos albergou uma pequena indústria das que por aqui floresceram e prosperaram, mas também as grandes fábricas deixaram a sua marca, e se a nível arquitetónico estão degradadas e descaracterizadas, é possível revisitá-las através da Arqueologia e da História como é o caso da Cerâmica das Devesas ou da Fábrica de Santo António de Vale da Piedade. A toponímia ou as ruínas do Senhor do Além entre outras, assim como a ilha operária localizada no Marco, agora renovada, mas onde moram ainda numerosas famílias, mostram bem as marcas deixadas do tempo em que Vila Nova de Gaia, na margem esquerda do Douro, era a cidade portuária onde maioritariamente chegavam as diversas matérias-primas e saía o produto acabado.

⁶⁴ Portugal... 1904, p. 13.

Bibliografia

Almanaque de Gaia. Porto: Imprensa Civilização, 1912.

Jornal do Porto (O), n.º 28 de 1 de fevereiro de 1889.

Luz do Operário (A), n.º 1, 12 de março de 1893; n.º 7 de 4 de junho de 1893; n.º 16 de 8 de outubro de 1893; n.º 23 de 15 de Setembro de 1894; n.º 32 de 20 de maio de 1894; n.º 95 de 15 de outubro de 1896.

COSTA, Pedro. 1993. *Cidades e urbanização em Portugal : uma sociologia, geografia ou economia urbanas?*. Instituto Superior de Economia e Gestão – SOCIUS Working papers nº 4/1993

CRUZ, Maria Antonieta (2007) — *Eleições no Porto em Gondomar: Da Monarquia para a República*. *Revista da Faculdade de Letras – História*, III série, vol. 8. Porto: Faculdade de Letras da Universidade do Porto, p. 459-479.

CRUZ, Maria Antonieta (2009) — *Os recenseamentos eleitorais como fonte para o estudo das elites no decurso da Monarquia Constitucional: da Regeneração à República*. *Revista da Faculdade de Letras – História*, III série, vol. 10. Porto: Faculdade de Letras da Universidade do Porto, p. 161-180.

CRUZ, Maria Antonieta (2009) — *Os recenseamentos eleitorais como fonte para o estudo das elites no decurso da Monarquia Constitucional: da Regeneração à República*. *Revista da Faculdade de Letras – História*, III série, vol. 10. Porto: Faculdade de Letras da Universidade do Porto, p. 161-180.

Descrição topographica de Villa Nova de Gaya... por João António Monteiro d’Azevedo, accrescentada... por Manoel Rodrigues dos Santos (imp. 1995 [1881]). Edição facsimilada. Vila Nova de Gaia: Associação Cultural Amigos de Gaia.

FERNANDES, José Alberto Rio (2011) - *Centro Histórico e Urbanismo: questões, reflexões e inquietações, a propósito do Porto*. In *Actas do Seminário Centros Históricos: Passado e Presente*, pp. 12 a 25. 13

FERREIRA, Eduarda Lago (1999-2000) – *Apontamentos sobre o lazer e o património urbano edificado no centro histórico de Vila Nova de Gaia*. *Revista da Faculdade de Letras – Geografia*, série 1, vol. XV/XVI, Porto, pp. 117-129.

FERREIRA, Felicidade R. M. (2011) – *A indústria da moagem pré-industrial no concelho de Vila Nova de Gaia*. *Boletim da Associação Cultural Amigos de Gaia*, vol. 12, n.º 72 (junho), p. 31-36.

FREIRE, João; LOUSADA, Maria Alexandre (2013) – *Roteiros da memória urbana do Porto: Marcas deixadas por libertários e afins ao longo do século XX*. Lisboa: Edições Colibri.

GUIMARÃES, Gonçalves (1995) – *O Lugar do Torne. Estudo de Microtoponímia Gaiense*. In *Actas do Colóquio comemorativo do centenário da Igreja do Torne*. Vila Nova de Gaia:

Junta Paroquial de S. João Evangelista (Igreja Lusitana Católica Apostólica Evangélica), p. 21-33.

GUIMARÃES, J. A. Gonçalves (1995) - *As fábricas e a vida económica gaiense em finais do século XIX: contribuição para o estudo da arqueologia industrial de Vila Nova de Gaia*. In *Actas do Colóquio comemorativo do centenário da Igreja do Torne*. Vila Nova de Gaia: Junta Paroquial de S. João Evangelista (Igreja Lusitana Católica Apostólica Evangélica), p. 225-234.

GUIMARÃES, J. A. Gonçalves (1997) - *Memória histórica dos antigos comerciantes e industriais de Vila Nova de Gaia*. Vila Nova de Gaia: Associação Comercial e Industrial.

GUIMARÃES, J. A. Gonçalves (1998) – *O Pólo Industrial da Serra do Pilar*. In ALVES, Jorge, coord. - *A Indústria Portuense em perspectiva histórica: actas do colóquio*. Porto: CLC-FLUP, p. 241-250.

GUIMARÃES, J. A. Gonçalves (2002) – *Navios construídos nos estaleiros de Vila Nova no Período Constitucional*. *Revista de Ciências Históricas*, nº 17. Porto: Universidade Portucalense, p. 153-170.

GUIMARÃES, J. A. Gonçalves (2017) - *O Centro Histórico de Gaia como estrutura portuária atlântica*. *Douro. Vinho, História & Património. Wine, History and Heritage*, nº 03. Porto: APHVIN/GEHVID, p. 51-92.

Industria, Direcção Geral do Commercio e Industria. Lisboa, 1904.

LACERDA, Silvestre (1984) – *Apontamentos para a História da imprensa e das publicações periódicas no concelho de Vila Nova de Gaia*. *Gaya*, nº 2. Vila Nova de Gaia: Gabinete de História e Arqueologia, p. 509-552.

LACERDA, Silvestre (1997) – *A arte da tanoaria*. Porto: CRAT - Centro Regional de Artes Tradicionais.

MENEGUELLO, Cristina (2001) - *A cidade industrial e seu reverso: as comunidades utópicas da Inglaterra Vitoriana*. *História: Questões & Debates*, vol. 18, n. 35. Curitiba: Editora da UFPR, p. 179-210.

MÓNICA, Maria Filomena (1996) — *As reformas eleitorais no constitucionalismo monárquico, 1852-1910*. *Análise Social*, Vol. XXXI (139), 5º. Lisboa: Instituto de Ciências Sociais da Universidade Nova de Lisboa, p. 1039-1084.

PEREIRA, Firmino (1894) – *O Centenário do Infante D. Henrique*. Porto: Magalhães & Moniz.

PORTUGAL, Ministério da Fazenda (1896-1900) - *Censo da População do Reino de Portugal no 1.º de Dezembro de 1890, 3 vol*. Lisboa: Imprensa Nacional.

PORTUGAL. Ministério das Obras Públicas, Commercio e Industria. *Direcção Geral do Commercio e Industria – Economia social: Instituições de Beneficência e Associações de Previdência: districto do Porto: situação do operariado*. Lisboa: Imprensa Nacional, 1904.

QUEIROZ, Francisco (2001) – *Subsídios para a história da indústria no concelho de Gaia. I – da consolidação do Liberalismo à Regeneração (1834-1851)*. *Boletim da Associação Cultural Amigos de Gaia*, vol. 8, n.º 53 (dezembro), p. 47-50.

RAMOS, Rui (2004) — *Para uma história política da cidadania em Portugal. Análise Social*, Vol. XXXIX (172). Lisboa: Instituto de Ciências Sociais da Universidade Nova de Lisboa, p. 547-569.

SANTOS, Licínio Manuel Moreira (2014) - *Cultura e Lazer Operários em Gaia, entre o final da Monarquia e o início da República (1893-1914)*. Porto: Faculdade de Letras da Universidade do Porto. Dissertação de mestrado.

SILVA, Mariana Teresa Vieira Alves da (2015) – *Salvaguarda e valorização do Património Industrial em Portugal: contributo para a intervenção na Fábrica de Cerâmica das Devesas*. Porto: FAUP. Dissertação de mestrado. Disponível em <<http://hdl.handle.net/10216/78962>>. [Consulta realizada em 18/06/2016].

SOUSA, Laura Cristina Peixoto de (2013) – *A Fábrica de Louça de Santo António de Vale de Piedade, em Gaia: arquitetura, espaços e produção semi-industrial oitocentista*. Porto: FLUP. Dissertação de mestrado. Disponível em <<http://hdl.handle.net/10216/75570>>. [Consulta realizada em 7/09/2015]

TEIXEIRA, Maria de Fátima (2017) – *Companhia de Fiação de Crestuma. Do fio ao pavio*. Porto: FLUP. Dissertação de mestrado.